

Introdução

*Licia do Prado Valladares, Filippina Chinelli
e Lidia Medeiros*

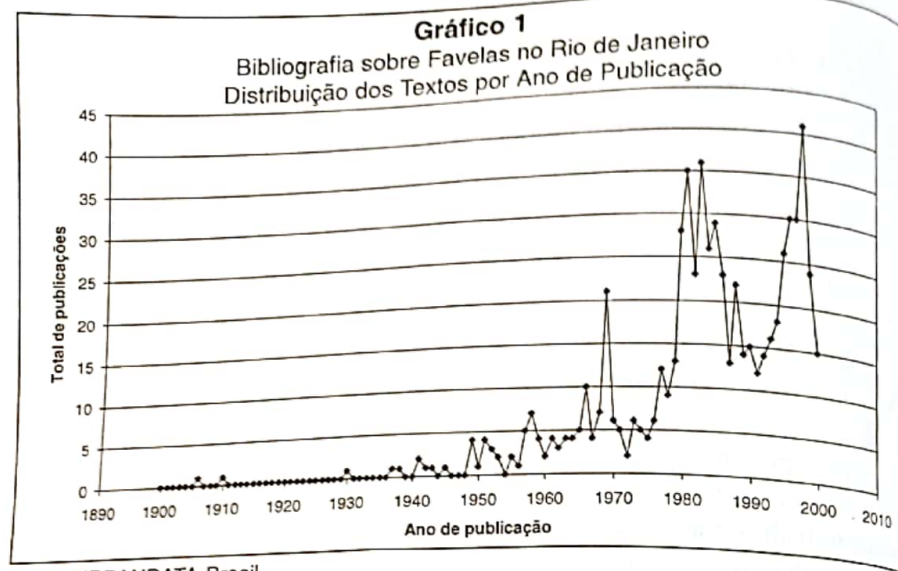
Não é de hoje que se pensa e escreve sobre as favelas. Há mais de cem anos as favelas do Rio de Janeiro se constituem em objeto de reflexão de diversos atores sociais provenientes dos mais variados campos do conhecimento e de múltiplas instituições tanto do poder público, como da sociedade civil. No entanto, são conhecidos, reconhecidos e amplamente divulgados apenas alguns poucos trabalhos e autores, permanecendo quase invisíveis e sendo pouco citados os resultados de inúmeras pesquisas e teses de cientistas sociais, textos de diversas instituições governamentais e não-governamentais, assim como vários dos depoimentos pessoais de moradores já publicados.

Este livro-catálogo pretende justamente preencher esta lacuna, resgatando o que já se sabe sobre as favelas do Rio de Janeiro, recuperando sua memória escrita que, em seu conjunto, revela-se em grande parte desconhecida/esquecida. A reunião em um só volume da bibliografia pertinente a esses aglomerados e suas populações ao longo do século XX – livros, teses, artigos publicados em periódicos, relatórios de pesquisas e *papers* apresentados em congressos –, tanto no país quanto no exterior, foi realizada com o intuito de divulgar a importante literatura que permite repensar os temas da favela e da pobreza no Brasil de hoje.

1. A produção centenária e sua invisibilidade

O gráfico nº 1, mostrando os 668 títulos reunidos neste livro por data de publicação, apresenta um panorama geral deste conhecimento centenário e permite visualizar a evolução do interesse dos vários atores sociais e estudiosos do tema. Uma análise, mesmo rápida, desta longa trajetória, possibilita distinguir os vários momentos que têm marcado o conjunto da produção¹.

Distingue-se inicialmente uma primeira safra de textos, correspondentes ao período da gênese ou da primeira descoberta da favela carioca, que vai do início do século XX até o final dos anos 1940 (Valladares, 2000). O número de publicações, embora pouco expressivo, é bastante significativo em termos de



Fonte: URBANDATA-Brasil.

Total de publicações: 668

Nota: O levantamento apresentado no gráfico para 1999 e 2000 não registra a totalidade das publicações – que estariam em alta e não em baixa –, em virtude de problemas técnicos ligados à preparação dos originais deste livro. Uma consulta ao URBANDATA-Brasil, que está em permanente atualização, mostra a tendência a uma crescente multiplicação desses estudos no período mais recente.

idéias e representações, as quais passarão, inclusive, a influenciar o pensamento sobre o tema décadas depois. Tendo como pioneiro o engenheiro Backheuser (1906), jornalistas-observadores (João do Rio, 1911; Costallat, 1924²; Luiz Edmundo, 1938; Cruz, 1941), urbanistas (Agache, 1930), médicos (Moura, 1943) e assistentes sociais (Silva, 1942), pensam a cidade, sua reforma e descrevem algumas favelas e seus moradores. Adotando um recorte racionalista/higienista/sanitário, propõem uma visão moralista desses aglomerados, acompanhada de propostas de caráter político-administrativo, assistencialista e educativo. A dualidade favela-cidade tem aqui o seu ponto de partida.

O Censo de 1950³ constitui a grande linha divisória entre este período inicial e a segunda metade do século. É a partir da divulgação dos primeiros dados estatísticos oficiais (Guimarães, 1953) que a curva das publicações começa lentamente a subir e que, pela primeira vez, os estudos passam a se deter sobre o universo das favelas do então Distrito Federal (Goulart, 1957) e não mais exclusivamente sobre aglomerados específicos. Contra a estimativa à época corrente de 400 mil favelados, os Censos de 1948 e de 1950 encontraram apenas 138.837 e 169.305 respectivamente, correspondendo em ambos os casos a 7% da população

total da então capital do país. O Recenseamento Geral de 1950, fornecendo dados sobre as características socioeconômicas da população favelada, passou a evidenciar uma realidade social e urbana bem mais complexa do que se imaginava.

O final da década de 1950 inaugura o olhar das ciências sociais⁴ sobre as favelas⁵. Acadêmicos norte-americanos que estiveram no Brasil na segunda metade dos anos 1950, preocupados com a integração e a organização social dos migrantes de origem rural nas grandes cidades, introduziram a favela carioca no debate sobre a mudança social e a teoria do subdesenvolvimento (Pearse, 1957 e 1958; Bonilla, 1961). O marco principal da nova etapa foi dado, no entanto, pela pesquisa pioneira realizada pela SAGMACS (1960), coordenada pelo Padre Louis-Joseph Lebet e pelo sociólogo José Arthur Rios, publicada no *Estado de São Paulo*. Inaugurando o trabalho de campo prolongado e sistemático nas favelas cariocas, esta pesquisa foi seguida de outros estudos realizados por pesquisadores brasileiros (Medina, 1964; Machado da Silva, 1967; Santos, 1969; Boschi e Goldschmidt, 1970) e estrangeiros (Conn, 1968; Parisse, 1969; Salmen, 1969; Leeds, 1969; Silberstein, 1969; Perlman, 1971), praticamente todos envolvidos no diálogo com o paradigma da marginalidade social.

O gráfico nº 1 permite visualizar três momentos de particular investida das ciências sociais sobre o tema. O primeiro tem o ano de 1969 como marco: nesse preciso momento, a revista *América Latina*⁶ consagrou um número especial a estudos sobre as favelas cariocas, reunindo autores nacionais e estrangeiros (Medina, 1969; Machado da Silva, 1969; Parisse, 1969; Leeds, 1969; Bombart, 1969; Silberstein, 1969). Volume temático, ele simbolizou a consolidação da descoberta do tema pelas ciências sociais.

O segundo momento registra o interesse despertado pela fase das remoções das favelas do Rio de Janeiro, em um sinal de que a agenda de pesquisa acompanha as transformações no cenário local e que os temas seguem as políticas e as mudanças nas favelas (Leeds, E., 1972; Grabois, 1973; Valladares, 1974 e 1978; Gondim, 1976; Perlman, 1977). Em meados dos anos 1970, a atenção se volta para os conjuntos habitacionais da COHAB, mantendo os pesquisadores seu olhar também direcionado para a experiência então excepcional de urbanização das favelas que a CODESCO promovia (Blank, 1977; Santos, 1980 e 1981). A atuação de diversas agências públicas que estendem seus serviços às favelas é analisada em inúmeros trabalhos da década de 1980 (Brasileiro *et alli*, 1982; Bronstein, 1982; Silva e Oliveira, 1986; Cavallieri, 1986).

O terceiro momento, que corresponde ao fim do período coberto pelo presente levantamento⁷, registra mais uma vez uma forte multiplicação de estudos: Esta verdadeira “explosão”, constatada sobretudo na segunda parte da década de 1990, está relacionada: a) às intervenções promovidas pelo poder público e pel

ONGs, em uma linha de ação que se distancia bastante das práticas antifavelas anteriores (Burgos, 1998) e b) à percepção social da violência urbana nas favelas do Rio de Janeiro. Tantos trabalhos realizados⁸ apontam um interesse crescente pelas favelas não apenas enquanto território onde o governo aplica políticas públicas (notadamente o Programa Favela-Bairro), mas onde as próprias ONGs, além de atuarem junto às populações locais, promovem investigações e pesquisas. As favelas passam a alimentar o debate em torno da “cidade partida” (Carvalho, 1994; Ventura, 1994), insistindo-se na dicotomia favela-asfalto como nova matriz de análise.

Note-se que durante os anos 1970, a universidade brasileira estruturou a pós-graduação, momento em que as favelas foram incorporadas como tema de pesquisa, o que resultou a partir de então em numerosas dissertações e teses em disciplinas as mais variadas⁹. Transformadas em *locus* da pobreza, elas se tornaram locais privilegiados de estudos referentes não só à habitação popular, mas à pobreza urbana em suas várias dimensões, às desigualdades e à exclusão social, temas que as ciências sociais integraram e passaram a valorizar. Tornaram-se também cenário ou palco onde o estudante ou o pesquisador passou a investigar questões de interesse próprio ou de interesse direto dos órgãos públicos e das ONGs que os financiaram (Valladares, 1999).

Como sugere o gráfico nº 1, ao final do século XX a visibilidade dos estudos sobre o tema tende a aumentar. Este crescimento/progressão parece ser alimentado, como dito acima, tanto pelo lugar que as favelas vêm ocupando recentemente na agenda pública, quanto pelo seu espaço crescente na agenda acadêmica e das ONGs. De um olhar retrospectivo, pode-se dizer que as favelas voltam à moda (Zaluar e Alvito, orgs., 1998); mas em um novo recorte analítico que privilegia aspectos como a cultura popular em suas inúmeras manifestações (Oliveira e Marcier, 1998); a juventude e as galeras (Novaes, 1997); as organizações populares, os movimentos de moradores e a violência (Zaluar, 1985; Leeds, E., 1998; Alvito, 1998), temas que remetem e colocam em debate, sobretudo no caso da violência, da criminalidade e do tráfico de drogas, questões mais gerais como a democracia e a cidadania (Zaluar, 1998; Peralva, 2000).

Se é verdade que essa literatura é hoje centenária, é importante lembrar que boa parte de todo este esforço tem permanecido praticamente invisível. O resultado do trabalho de pesquisa de sociólogos, antropólogos, geógrafos, planejadores urbanos, arquitetos, entre outros, além da produção institucional, não tem merecido a adequada e necessária divulgação. Vários fatores parecem estar relacionados a esta dificuldade. Em primeiro lugar a dispersão desta produção, pulverizada em nada menos que 46 bibliotecas do Rio de Janeiro (ver listagem em anexo). Várias delas ainda não se encontram informatizadas e/ou não registram

catalogam em separado, artigos publicados em periódicos e coletâneas. Deve-se ressaltar também que nenhum centro ou biblioteca no Rio de Janeiro teve até agora a preocupação de reunir e sistematizar o material publicado sobre o tema. As bibliotecas dos antigos SERPHAU, CENPHA e BNH, órgãos governamentais que no passado estiveram diretamente vinculados à habitação, morreram com as próprias instituições. O mesmo aconteceu com a biblioteca do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS) que desapareceu nos anos 1970. Muito embora o Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (antigo IPLANRIO) seja hoje o centro de referência das favelas cariocas¹⁰, seu acervo é bastante incompleto.

A dificuldade advém, em segundo lugar, da extrema escassez de bibliografias específicas sobre as favelas, existindo até o momento apenas duas. A primeira foi publicada por L. Parisse (1969), pesquisador francês, há quase quarenta anos na revista *América Latina*, periódico que hoje integra o acervo de poucas bibliotecas. A segunda, de autoria do historiador norte-americano J.C. Pino (2000), apesar de recente, é bastante incompleta e desconhece grande parte da produção oriunda da universidade brasileira e dos órgãos públicos do Estado e do Município do Rio de Janeiro. Vale a pena registrar que a prometida bibliografia dos também norte-americanos Anthony e Elisabeth Leeds, anunciada em um de seus principais artigos, infelizmente jamais foi publicada¹¹. Resenhas sobre o tema são ainda mais escassas. O trabalho de Valladares (1983) preenche em parte essa lacuna: ao tratar da literatura sobre a habitação no Brasil, inclui a produção nacional e internacional sobre as favelas brasileiras, desde os estudos dos anos 1950, até aqueles do início da década de 1980.

A terceira dificuldade está relacionada à impossibilidade de acesso aos arquivos pessoais de importantes pesquisadores já falecidos como Victor Tavares de Moura, Anthony Leeds e Carlos Nelson Ferreira dos Santos. Uma parceria entre o IUPERJ, o URBANDATA-Brasil e a Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ vai muito em breve disponibilizar o material reunido por Moura¹². Anthony Leeds e Carlos Nelson Ferreira dos Santos, autores que além de suas próprias produções colecionaram documentos relacionados à história da habitação popular e das políticas relativas às favelas, têm seus arquivos localizados respectivamente nas Bibliotecas da Universidade de Harvard e do IBAM, este último armazenando parte do material sem catalogação, em uma sala privada pouco acessível aos interessados.

Vale mencionar ainda as implicações advindas da dificuldade de diálogo entre os diversos campos do conhecimento, fazendo parte da tradição das ciências sociais brasileiras uma certa segmentação disciplinar¹³. Não é de se estranhar, portanto, que as novas gerações de estudiosos das favelas, tanto nacionais quanto estrangeiros, pouco mencionem o conhecimento acumulado sobre o tema.

Cada novo grupo “descobre” novamente as favelas segundo seus próprios interesses, disciplina de formação e recorte temático, analítico e temporal, desconhecendo grande parte da produção anterior e mesmo a contribuição contemporânea de disciplinas conexas. Trata-se muitas vezes de reapresentar “velhas novidades” com “roupas novas” ou “maquiagem moderna” (Valladares, 2000)¹⁴.

A presente publicação visa justamente contribuir para a superação das dificuldades apontadas acima, procurando dar a mais ampla divulgação possível a esta volumosa e relevante produção. O objetivo é, portanto, favorecer o indispensável diálogo empírico e analítico entre a academia, o poder público, as ONGs, a mídia e o público em geral, além de possibilitar uma racionalização mais adequada da distribuição de recursos destinados à pesquisa. Somente a partir de tal esforço será possível pensar as favelas de forma renovada.

O resgate da Memória das Favelas Cariocas¹⁵ tem aqui o seu ponto de partida, reunindo uma bibliografia que cobre todo o século XX.

2. Do levantamento bibliográfico à pesquisa

Um ano, dois anos, três anos, quatro anos... Um longo percurso iniciado em 1997, levou aos 668 títulos indexados neste livro. O que parecia uma tarefa rápida e simples de levantamento em bibliotecas conhecidas do Rio de Janeiro, acabou por exigir um trabalho minucioso, cuidadoso, por isto mesmo longo, quase interminável, de rastreamento e descobertas inesperadas, concluído vários anos depois, em 2001. A base bibliográfica do URBANDATA-Brasil, que em 1997 dispunha de 394 referências sobre as favelas do Rio de Janeiro, foi o ponto de partida deste trabalho.

Feito este primeiro levantamento, passou-se à biblioteca do IUPERJ, onde se empreendeu uma busca a partir das mesmas palavras-chave identificadas na etapa anterior: ação comunitária, assentamentos populares, associação de moradores, baixa renda, bairro marginal, comunidade, conjunto(s) habitacional(ais), exclusão, favela(s), favelização, invasão(ões), habitação popular, marginalidade, moradia, morro(s), parque(s) proletário(s), política habitacional, população favelada, posse, possessor, organizações comunitárias, questão habitacional, regularização fundiária, remoção, urbanização de favelas; e em língua estrangeira: *bidonville(s)*, *slum(s)* e *squatter(s) settlement(s)*¹⁶. Outras bibliotecas localizadas no Rio de Janeiro foram visitadas, como a Biblioteca Nacional, a Biblioteca da Fundação Getúlio Vargas e a Biblioteca do Museu Nacional. Boa parte delas era regularmente consultada, com vistas à alimentação do URBANDATA-Brasil, inclusive algumas mais especializadas no tema favelas, como a do já mencionado Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos e as do Programa de Pós-Graduação

em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) e Programa de Pós-Graduação em Geografia, ambos da UFRJ, além da biblioteca do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM). À medida que o trabalho avançava, o leque de instituições foi ampliado às bibliotecas de arquivos públicos, instituições governamentais, centros de pesquisa especializados e universidades privadas como a PUC-Rio. Informações obtidas nas próprias bibliotecas a respeito de outras, assim como sugestões de pesquisadores, também colaboraram na multiplicação das instituições visitadas.

A busca não se limitou apenas às visitas às bibliotecas. Foram consultados via Internet, o DataÍndice – antigo Índice de Ciências Sociais –, o EcoData, a Base Minerva (UFRJ), o IBICT, o HISA-FIOCRUZ, o PROSSIGA-CNPq, a PUC-Rio, o IPEA, o InfoHab, além de quatro bases estrangeiras, três nos Estados Unidos (*Firstsearch: dissertation abstracts*, *WorldCat* e a base da Universidade de Chicago) e uma na França (*URBAMET*). Foram consultados ainda catálogos de dissertações e teses, publicados no Brasil e no exterior¹⁷, e as referências bibliográficas citadas pelos próprios autores dos textos incluídos neste levantamento¹⁸, assim como as raríssimas bibliografias especializadas já publicadas sobre o tema.

O trabalho não se constituiu, portanto, em um simples levantamento, mas em uma verdadeira pesquisa que mobilizou inúmeras pessoas e fontes de consulta em torno da questão das favelas. O Estado do Rio de Janeiro constituiu o recorte espacial que incluiu também os conjuntos habitacionais voltados para populações faveladas.

A busca foi árdua. De um total de 46 bibliotecas, apenas 16 tinham o seu acervo totalmente informatizado, 15 bibliotecas encontravam-se em processo de informatização e outras 15 ainda operavam com fichário manual.

A leitura dos textos foi acompanhada da indexação dos mesmos. Parte importante e necessária do trabalho de resgate bibliográfico teve um peso significativo no desenvolvimento da pesquisa. Possibilitou a preparação de resumos que dão destaque aos aspectos mais relevantes de cada uma das publicações; a classificação de cada texto por assunto(s) e disciplina(s) da especialidade do(s) autor(es) dos inúmeros trabalhos; e a identificação das favelas onde foram realizadas as investigações. Vale lembrar que, na grande maioria das vezes, nem as palavras-chave usadas para indexação, nem os títulos dos trabalhos indicados nas fichas catalográficas¹⁹ foram suficientes para as classificações indicadas. Em alguns poucos casos, as referências incluídas neste volume aparecem sem o resumo devido a dificuldades de acesso ao texto original²⁰, embora informações a respeito dos mesmos tenham permitido classificá-los por assunto e disciplina.

Várias decisões foram tomadas para garantir a homogeneidade da apresentação das informações.

- a) padronização da grafia do nome dos autores, optando-se pelo nome completo;
- b) padronização dos resumos provenientes do próprio autor, de catálogos ou de bases de dados, dentre as quais o próprio URBANDATA-Brasil;
- c) quando um mesmo texto foi objeto de mais de uma publicação, todas elas foram consideradas, mas incluiu-se o resumo apenas em uma das referências, como no caso de tese que mais tarde se transforma em livro; de *paper* apresentado em congresso, depois publicado como artigo em revista; artigo publicado em mais de um idioma; artigo publicado em dois periódicos diferentes ou em coletânea e periódico;
- d) padronização da grafia da denominação das favelas²¹, optando-se pela nomenclatura empregada no Cadastro de Favelas do Município do Rio de Janeiro (Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos), que serve de referência a todos os órgãos públicos, e pela nomenclatura do IBGE;
- e) no caso de conjuntos de favelas denominados recentemente pelo poder público de "complexos", respeitou-se a denominação dada pelo autor;
- f) quanto à localização dos textos, procurou-se indicar ao menos uma biblioteca do Rio de Janeiro onde os mesmos pudessem ser encontrados. Em alguns poucos casos, as publicações não aparecem acompanhadas da localização, sobretudo aquelas editadas no exterior. No entanto, preferiu-se incluí-las, na tentativa de dar-lhes visibilidade.

Cabe, ainda, uma palavra sobre a abrangência do levantamento bibliográfico realizado. Muito embora o esforço tenha sido exaustivo, detalhado e consistente²², é provável que involuntariamente algumas referências tenham escapado²³. Tem-se certeza, entretanto, de que a presente publicação abrange o maior número de títulos até hoje resgatados e reunidos sobre um tema cada vez mais relevante nas agendas política e acadêmica. A pesquisa resultou não apenas no conjunto das 668 referências aqui apresentadas, mas também em vários índices - Autor, Referência espacial e Assunto -, que permitem delinear quem são os estudiosos das favelas, que favelas se estudam e o que se estuda sobre as favelas.

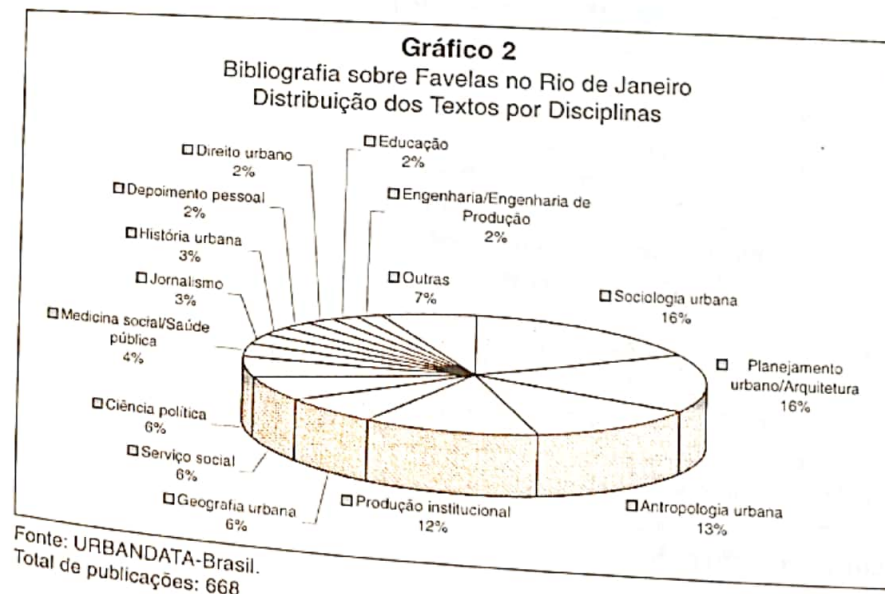
3. Quem estuda e o que se estuda quando se estuda favela

Cobrimo um período de cem anos, as informações coletadas permitem uma visão geral e sintética da memória da pesquisa sobre o tema. Quem pesquisou, onde, quando e o quê? Quais disciplinas têm se interessado pelo estudo das favelas e suas populações? E que temas são priorizados pelos autores quando observam as favelas? Uma análise cuidadosa - a ser empreendida pelo próprio leitor -

permitirá responder a estas questões de forma aprofundada. Assinalam-se a seguir apenas algumas conclusões gerais evidenciadas com base nos quatro índices que integram a presente publicação.

O Índice de Autores mostra que nada menos que 429 estudiosos, brasileiros e estrangeiros, já escreveram sobre as favelas do Rio de Janeiro. A estes vem juntar-se a produção institucional²⁴ que corresponde a 47 títulos ou 9% do total, o que demonstra que o grosso do conjunto bibliográfico não tem portanto, esta origem. Entre os autores, inúmeros são aqueles que defenderam teses e dissertações em universidades brasileiras ou estrangeiras (125 autores sobre um total de 429 estudiosos), o que sugere que muitos foram (são) os jovens em início de carreira profissional que escreveram sobre o tema. O Índice também revela que a grande maioria dos autores se deteve apenas uma vez sobre o tema, contribuindo com mais de cinco publicações para o conjunto da produção apenas 18 ou 3,7% do total de autores. As favelas se apresentam assim, para muitos, como "um tema de passagem", constituindo somente para uma minoria um objeto permanente de reflexão. O grande número de trabalhos e autores sugere, enfim, que elas sempre conseguiram manter-se como espaço "interessante" para diferentes campos disciplinares e, por isto mesmo, nunca deixaram de apresentar uma vitalidade inspiradora.

As favelas vêm sendo, de fato, alvo de interesse dos mais diversos campos do conhecimento²⁵.



Conforme indicam o Índice de Disciplinas e o Gráfico nº 2, muito embora predomine fortemente a contribuição da sociologia e da antropologia urbanas (que juntas correspondem a aproximadamente 1/3 do total da produção, ou 208 títulos), seguidas do planejamento urbano e da arquitetura (108 títulos), são relevantes as participações da geografia urbana, serviço social, ciência política, medicina social, jornalismo²⁶ e história urbana. Chama atenção a importância da produção institucional e o registro de depoimentos pessoais, sobretudo de moradores e ex-moradores (Gomes, 1980; União Pró-Melhoramento dos Moradores da Rocinha, 1983; Oliveira, 1986; Alves, 1997; Lins, 1997), que começa a se tornar cada vez mais freqüente. Embora numericamente menos significativa, é de se notar a contribuição das áreas de direito urbano, educação e engenharia. Um conjunto de 15 disciplinas marca presença com menos de 10 trabalhos cada uma (agrupadas no Gráfico nº 2 na categoria Outros), o que vem reforçar a grande fragmentação disciplinar da literatura sobre as favelas do Rio de Janeiro.

O Índice de Assuntos²⁷ permite refletir sobre os temas que vêm sendo priorizados pelos autores, podendo-se afirmar que um pouco de tudo se estuda quando se estudam as favelas. Não apenas se verifica a grande diversidade de disciplinas acima apontada, como são inúmeros os assuntos tratados quando o cenário é a favela. Nada menos que 27 grandes grupos totalizando 173 assuntos compõem o referido Índice! Deixando ao leitor a oportunidade de extrair do Índice de Assuntos suas próprias conclusões, apontam-se a seguir algumas constatações que se destacam a um primeiro olhar.

Chama a atenção a importância que sempre foi atribuída às mais variadas intervenções, sejam elas da esfera pública ou privada, contra ou a favor das favelas e seus moradores, o que reflete a relevância política que as acompanha desde que as mesmas surgiram no Rio de Janeiro. O grupo **Agências, políticas e programas de intervenção** reúne nada menos que 391 referências, das quais grande parte se distribui entre duas dezenas de programas surgidos desde os anos 1940, revelando que muitas têm sido as iniciativas de diferentes instâncias do poder público e da Igreja Católica. No entanto, dentre eles, de longe sobressaem numericamente (nada menos que 40) os trabalhos de avaliação e análise do Programa Favela-Bairro. A explicação certamente reside no já mencionado destaque que as favelas têm atualmente na agenda dos pesquisadores, como também nas exigências de avaliação que hoje acompanham os financiamentos internacionais²⁸. Chamam de igual modo a atenção, os estudos sobre **Propostas/experiências de urbanização** (68 trabalhos), que constituem parte importante do passado de experiências governamentais, mas em geral pouco mencionados pelas pesquisas recentes sobre as favelas (sendo pouco citados nos estudos sobre o Favela-Bairro).

O segundo grupo em destaque em termos numéricos – **Associativismo, cidadania e participação popular** com 158 trabalhos –, reúne textos em torno de uma temática que de há muito vem sendo estudada: as diferentes formas de participação popular, de movimentos de moradores e de associações, e sua relação com o clientelismo político e a política local em geral. Hoje esta temática vem sendo renovada pelas análises sobre a atuação das ONGs, relacionadas à questão da cidadania e dos direitos civis, bem como pelas análises dos novos formatos democráticos diante das mudanças na órbita das políticas municipal, estadual e federal. O associativismo nas favelas, ameaçado pelo narcotráfico, é uma das preocupações mais recorrentes dos estudiosos deste eixo de pesquisa.

Habitação e mercado imobiliário constitui o terceiro grupo de assuntos mais representado (102 trabalhos). Ressalte-se que o estudo da favela foi fundador das análises sobre habitação no Brasil (Valladares, 1983), estando fortemente associado ao crescimento das cidades, à pobreza urbana e à segregação socioespacial. Neste grupo destacam-se numericamente os estudos sobre o processo de crescimento e consolidação de favelas e sobre formas de regularização fundiária peculiares a este espaço. Inclui também textos que se reportam à autoconstrução e à moradia popular e, sobretudo, aos aspectos arquitetônicos e urbanísticos das favelas, vistos como singulares e alternativos à uma arquitetura e a um estoque habitacional regulados pelo mercado.

Os **Aspectos simbólicos e manifestações culturais** (101 trabalhos), dentre os quais se incluem temas como a vida cotidiana nas favelas, a cultura, a música e a religiosidade populares. Embora de há muito presentes na literatura, estes temas retornam recentemente através de análises que valorizam de forma positiva as manifestações artísticas que vêm ocorrendo no espaço das favelas. De berço do samba, as favelas são consideradas hoje também coração do *funk* e do *rap*, além de espaço onde se multiplicam com extrema rapidez os mais diversos cultos protestantes e pentecostais que ampliam o leque das manifestações religiosas populares. Os inúmeros trabalhos agrupados nesta rubrica revelam o interesse crescente dos pesquisadores em destacar a existência de uma “cultura da favela” e de um universo popular em busca de uma identidade própria.

Pensar hoje as favelas implica necessariamente em refletir sobre o tema da **Violência, criminalidade e segurança pública** (82 trabalhos), um dos eixos que também se destaca no Índice de Assuntos. Os trabalhos voltam-se, sobretudo, para os aspectos ligados à organização do tráfico de drogas, à violência a que estão diariamente submetidas as populações faveladas e à atuação da polícia. Vem chamando sobremodo a atenção dos pesquisadores, a relação entre as organizações populares e o narcotráfico, a inoperância das instituições responsáveis pela ordem pública e, em relação aos jovens, as diferentes formas de sociabilidade.

de e de carreiras que levam ao mundo do crime. Muito presente na mídia, o tema geral da violência nas favelas foi rapidamente incorporado pelas ciências sociais, ocupando hoje papel importante tanto na agenda pública quanto na agenda acadêmica. O considerável número de teses e pesquisas sobre a violência urbana tendo por palco as favelas e os conjuntos habitacionais colaboraram para que, de síntese da pobreza, elas também se tornassem síntese da violência.

No Índice de Assuntos, a rubrica **Aspectos históricos** igualmente se apresenta relevante (69 trabalhos). Um pouco de história aparece de forma recorrente na maioria dos textos levantados. Canudos oferece elementos para a construção da lenda de origem das favelas cariocas e a Reforma Pereira Passos é vista como principal responsável pelo primeiro surto dos aglomerados favelados, sendo os anos 1940 considerados como o momento de aceleração do processo de favelização. Estudos que de fato empreendem uma análise histórica, seja desse processo, seja do surgimento e desenvolvimento das diversas modalidades de ocupação que deram origem a cada uma das favelas (Abreu, 1994; Vaz, 1994) são, no entanto, ainda raros. Nem todas as favelas têm a mesma origem, mas o processo de favelização é freqüentemente tratado como se fosse o mesmo em quase todos os casos. Os trabalhos aqui agrupados confirmam estas observações, mesmo havendo uma certa ênfase nos temas História das favelas e História da habitação popular. Na realidade quando se fala em história pensa-se, sobretudo, na história das políticas governamentais para as favelas, sua relação com os regimes políticos (Parisse, 1969; Leeds e Leeds, 1978; Valla, org., 1986), tendo em vista a percepção das favelas enquanto problema a ser enfrentado principalmente pelo poder público.

Estes grandes eixos conectam, sem dúvida, a maior parte dos estudos e revelam os principais temas que a pesquisa e a observação sobre as favelas cariocas vem desenvolvendo. No entanto, considerando-se a totalidade de assuntos presentes em cada uma das publicações²⁹, nota-se que esta literatura é extremamente diversificada. O Índice de Assuntos (com seus 173 assuntos!) permite supor, inclusive, que as favelas vêm sendo tomadas muito mais como cenário de processos sociais, do que propriamente enquanto objeto de análise em si. O pesquisador a elas se dirige para estudar de tudo um pouco: a incidência de várias doenças e epidemias, a gravidez na adolescência, o desajustamento familiar, o trabalho infantil, a formação de galeras, a opção pelo mundo do crime e pelo narcotráfico, o trabalho das creches, as escolas e os CIEPS etc., acabando as favelas por constituir uma espécie de síntese de todos os problemas sociais.

Enfim, questões de natureza metodológica – **Aspectos Metodológicos** – também vêm chamando a atenção dos estudiosos das favelas. Elas aparecem ora em textos oficiais nos quais se discute como identificar um aglomerado como

sendo ou não favela (Guimarães, 1953; IPLANRIO, 1993 e 1997); ora em trabalhos que refletem uma preocupação com a própria definição do objeto (Leeds, 1969; Leeds e Leeds, 1978; Alvito, 1988; Davidovich, 1999; Valladares, 1999; Preteccille e Valladares, 2000); ou ainda em estudos onde o trabalho de campo é pensado como podendo vir a influenciar os próprios resultados da pesquisa (Santos, 1980; Heye, 1980; B.Santos, 1988; Cunha, 1996). Noções caras à antropologia, como a do distanciamento e da familiaridade são, portanto, consideradas por alguns autores, assim como a diversidade das favelas e da população favelada, o que coloca em cheque a própria noção homogeneizadora de favela.

O **Índice de Referências Espaciais**, último a ser apresentado neste livro, nem por isso é menos sugestivo. Ele registra o local onde cada estudo foi realizado³⁰, identificando nada menos que 243 favelas distintas³¹.

Que favelas se estuda quando se estuda a favela? Verifica-se, em primeiro lugar, uma grande concentração de estudos de caráter geral (266 trabalhos) que tratam do universo das favelas do Município, do Estado do Rio de Janeiro ou da Região Metropolitana, sem qualquer distinção entre elas. Em segundo lugar, observa-se um número considerável de estudos sobre favelas já extintas – Catacumba, Praia do Pinto, Escondidinho, Esqueleto, Favela da Candelária, Favela da Guarda, Favela da Rádio Nacional, Favela de Olaria, Favela Quinta do Caju, Ilha das Dragas, Ladeira dos Funcionários, Largo da Memória, Morro de Santo Antonio – , a maioria das quais destruídas pelos vários programas oficiais de remoção ou de reforma urbana da cidade. Constata-se em terceiro lugar uma concentração das pesquisas em apenas algumas favelas, mais precisamente em 28 delas, já estudadas ao menos 10 vezes. As mais pesquisadas até o momento são Rocinha, Jacarezinho, Brás de Pina, Maré, Mata Machado, Morro do Cantagalo, Morro Santa Marta, Vidigal e a hoje extinta Praia do Pinto, todas elas contando com mais de 20 referências. A campeã dos estudos é, no entanto, a Rocinha com nada menos que 74 referências, sendo seguida do Jacarezinho, retratada por 32 diferentes trabalhos. Os dados revelam, portanto, um “privilegiamento” de certas favelas como campo de estudo em detrimento de um universo bem mais amplo e variado de aglomerados. Os trabalhos comparativos praticamente inexistem, dando-se prioridade aos estudos de caso de favelas isoladas, o que não deixa de servir de explicação para a concentração das pesquisas em apenas algumas delas.

4. Algumas palavras sobre a organização e o uso desta publicação

Este livro, que pretende servir de guia aos estudiosos das favelas do Rio de Janeiro, está organizado de modo a fornecer ao leitor algumas informações bási-

cas que ultrapassam uma simples listagem de referências bibliográficas. Após a presente Introdução, segue-se a bibliografia sobre o tema, em ordem alfabética de autor. Os 668 títulos identificados aparecem acompanhados do seu respectivo resumo e de indicações quanto à(s) disciplina(s) do(s) autor(es), assunto(s) discutido, e local de realização da pesquisa que deu origem ao texto. Uma informação complementar – **Localização** – indica ao menos uma biblioteca onde o documento pode ser consultado.

Vários índices vêm em seguida, visando um outro tipo de apreensão do universo bibliográfico. São índices remissivos que ajudam o leitor a se situar frente aos assuntos que se pesquisa quando se estudam as favelas do Rio de Janeiro, bem como conhecer aquelas onde já se realizaram investigações. Tais informações parecem ser de suma importância, seja para aqueles que apenas estão se iniciando no tema, seja para quem já vem trabalhando sobre as favelas e suas populações há algum tempo. No primeiro caso, as informações são preciosas, pois fornecem parâmetros de referência que devem e podem intervir na decisão quanto ao quê e onde pesquisar. No segundo caso, uma consulta ao que já se produziu também se mostra fundamental: fornece ao pesquisador material para um diálogo com os resultados e abordagens já existentes e lhe dá a certeza de que está de fato contribuindo com algo de novo frente aos seus pares.

A ausência ou escassa presença de certos temas e assuntos também é sugestiva. Na radiografia aqui apresentada, a pouca atenção atribuída a certas temáticas ou a certos períodos históricos pode servir, no futuro, à definição de novas trajetórias de pesquisa. A escolha de favelas até agora pouco estudadas pode também vir a enriquecer o debate sobre a composição e características deste universo. Estudos comparativos entre favelas ou entre favelas e outros bairros populares poderão, enfim, relativizar o conhecimento até agora acumulado sobre as favelas do Rio de Janeiro.

Uma lista de bibliotecas do Rio de Janeiro (com endereço, telefone e e-mail) aparece em seguida aos Índices, visando facilitar o trabalho do leitor que deseja fazer a consulta direta ao material bibliográfico aqui indicado.

Notas

¹ Deve-se ressaltar, para uma adequada compreensão do gráfico, que ele não registra o momento de realização das pesquisas, mas sim o ano de sua publicação.

² João do Rio e Costallat tiveram a primeira edição de suas obras nas datas indicadas acima. Na presente bibliografia, João do Rio aparece reeditado por Martins (1971), através do Instituto Nacional do Livro, e Costallat em 1995, na coleção Biblioteca Carioca.

³ O primeiro Censo de Favelas foi realizado em 1948 e publicado pela então Prefeitura do Distrito Federal em 1949. No entanto o marco parece ser dado pelo Censo de 1950, realizado

pelo IBGE que, desde então, passou a incluir as favelas – “aglomerados sub-normais” – dentre os vários territórios a serem recenseados. Vale a pena ressaltar que isso representou uma primeira tentativa de definição e classificação desse universo.

⁴ Ciências sociais em seu sentido amplo, isto é, incluindo não apenas sociologia, antropologia e ciência política, as três disciplinas que no sentido restrito compõem a área, mas também história, geografia, economia e demografia e as chamadas ciências sociais aplicadas, planejamento urbano, e arquitetura e urbanismo.

⁵ Uma análise detalhada da favela tal como apreendida pelas ciências sociais poderá ser vista em Valladares, Licia do Prado. *A invenção da favela*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas (no prelo).

⁶ Esta revista era publicada pelo Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS), órgão da UNESCO que funcionava no Rio de Janeiro.

⁷ É possível que o crescimento do número de publicações que se observa nos anos 1990 continue nos anos 2001 e seguintes, mas esse levantamento incluiu apenas publicações até 2000.

⁸ Tendo em vista o volume de trabalhos, o leitor é convidado a consultar a bibliografia incluída neste volume e o Índice por Assunto.

⁹ Os Programas de Pós-Graduação do IUPERJ, Museu Nacional (UFRJ), da COPPE (UFRJ) e do PUR (atual IPPUR/UFRJ) surgiram respectivamente em 1969, 1969, 1967 e 1971.

¹⁰ O Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos possui um Cadastro de Favelas que, desde 1981 (IPLANRIO 1983, 1993, 1997) oferece aos interessados, informações sobre a história, localização, dados demográficos e a existência ou não de serviços nas favelas cariocas. Atualmente o Cadastro de Favelas integra o Sistema de Assentamentos de Baixa Renda (Sabren).

¹¹ A bibliografia intitulava-se *A Bibliography of Sociology of Housing Settlement Types in Latin America* e deveria ter sido publicada pela Universidade da Califórnia em 1970 (Leeds, 1969).

¹² Este trabalho está sendo financiado pela FAPERJ no âmbito do Projeto Médicos, Pobreza e Reforma Social, coordenado por Licia do Prado Valladares. O arquivo Victor Tavares de Moura estará disponível à consulta pública a partir de 2003 no Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ.

¹³ Basta lembrar a existência e atuação de diferentes entidades como a Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR), a Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP) e a Associação Nacional de História (ANPUH) que reúnem profissionais de uma mesma área. Apenas a Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) tem caráter interdisciplinar.

¹⁴ Valladares (2000) chama a atenção para a importância da produção anterior às ciências sociais como matriz fundadora dos estudos sobre as favelas cariocas.

¹⁵ Vale esclarecer que o título do projeto do qual faz parte este livro foi inspirado na Série intitulada “Memória das Favelas” criada em 1992 pela então Secretária Municipal de Cultura,

Turismo e Esportes da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Infelizmente a série não foi adiante, tendo sido publicado apenas o primeiro volume (Zylberberg, coord., 1992). O URBANDATA-Brasil vem se dedicando, desde 1989, de forma sistemática, ao resgate do pensamento sobre o urbano no Brasil.

¹⁶ Após a conclusão do levantamento, que tomou por base as palavras-chave mencionadas, constatou-se que questões muito recentes, associadas à temática da favela, como juventude de classes populares e *funk*, deveriam ter sido incluídos na listagem inicial. Tentou-se corrigir este lapso incluindo um adendo bibliográfico na presente publicação.

¹⁷ Catálogos que são periodicamente consultados para alimentação da Base Bibliográfica do URBANDATA-Brasil como, por exemplo, o trabalho organizado por Pires-Saboia, A. *Catalogue Général des Thèses Soutenues en France sur le Brésil (1823-1999)*. *Cahiers du Brésil Contemporain*, no. Hors série. CRBC, Paris, 2000.

¹⁸ Em alguns poucos casos, os próprios pesquisadores cederam seus textos para inclusão neste levantamento, sobretudo *papers* apresentados em congressos no Brasil e no exterior.

¹⁹ São inúmeros os textos que levam no título a palavra "favela" sem especificar se o autor estuda um, dois ou mais casos ou, ainda, se está se referindo genericamente ou não ao fenômeno.

²⁰ Trata-se na maioria das vezes de textos publicados no exterior.

²¹ Nos casos de favelas já extintas ou daquelas não encontradas no Cadastro, optou-se por manter a denominação atribuída pelo autor.

²² Esforço que incluiu as monografias de conclusão do curso de Serviço Social da PUC-Rio - período 1942 a 1965 -, à época ministrado pelo Instituto Social.

²³ Como a presente bibliografia é parte de um banco de dados que está em permanente alimentação, solicita-se que qualquer referência que porventura não tenha sido aqui mencionada seja encaminhada ao URBANDATA-Brasil. *E-mail*: infourbandata@candidomendes.edu.br.

²⁴ Entende-se por Produção institucional, artigos, livros, relatórios de pesquisa assinados em nome de uma instituição e não do(s) autor(es) responsável(is).

²⁵ No Índice de Disciplinas estão registradas as disciplinas a que pertencem os autores. É necessário esclarecer que, quando um mesmo texto tem dois autores provenientes de disciplinas diversas, todas foram consideradas. Em casos de autores cujas dissertações e teses foram produzidas em áreas diferentes da área de formação de origem, respeitou-se a interdisciplinaridade, registrando-se ambas as disciplinas.

²⁶ O levantamento não considerou matérias publicadas na grande imprensa, excetuando-se os casos raros de grandes reportagens resultado de pesquisa, caso do relatório SAGMACS (1960). Considerou-se no entanto, nesta categoria os livros de autoria de jornalistas como, por exemplo, Luiz Edmundo (1938) ou Ventura (1994).

²⁷ No Índice de Assuntos um mesmo texto pode estar classificado em mais de um assunto, de modo que o total é maior que o número de trabalhos referenciados neste livro.

²⁸ O Favela-Bairro, financiado pelo BID, foi acompanhado de um Projeto de Avaliação do Programa, que através da FINEP mobilizou inúmeras instituições de ensino e pesquisa.

²⁹ Cfr. a nota n. 27.

³⁰ Note-se que: a) quando várias favelas são estudadas em um mesmo trabalho, todas elas foram consideradas; b) quando o autor não se refere à uma favela específica, mas a favelas de um determinado bairro, estado ou cidade, registrou-se a denominação da localidade mais abrangente; c) quando o estudo não identificou a(s) favela(s), o registro foi feito como "favela não identificada"; d) consideraram-se também os conjuntos habitacionais por estarem relacionados às remoções de favela; e) listaram-se loteamentos periféricos e outras localidades no caso de estudos comparativos.

³¹ Dentre as 236 favelas listadas, além daquelas localizadas no Município do Rio de Janeiro, encontram-se aglomerados de outros municípios do estado.